

# Um lance de dedos

Análise sobre dois livros de André Rios

Eduardo Guerreiro Brito Losso

**Eduardo Guerreiro Brito Losso** é Doutorando em ciência da literatura na UFRJ

Ó geral, da mediocridade!  
Ó claque ignobil do vulgar, protagonista do normal!  
Ó catitismo das lindezas d'estalo!  
Ahi! lucro facil,  
cartilha-cabotina dos limitados, dos restringidos!  
Ahi! dique-impecilho do Canal da Luz!  
Ó coito d'impotentes  
a corar ao sol no riacho da Estupidez!  
Ahi! Zero-barometro da Convicção!  
bitola dos chega, dos basta, dos não quero mais!  
Ahi! plebeismo aristocrataisado no preço do panamá!  
erudição de calça de xadrez!  
competencia de relógio d'ouro  
e corrente com suores do Brazil,  
e berloques de cornos de buffalo!  
E eu vivo aqui desterrado e Job  
da Vida-gemea d'Eu ser feliz!  
E eu vivo aqui sepultado vivo  
na Verdade de nunca ser Eu!  
Sou apenas o Mendigo de Mim-Proprio,  
orphão da Virgem do meu sentir.  
E como queres que eu faça fortuna  
se Deus, por escarneo, me deu inteligencia,  
e não tenho, sequer, irmãs bonitas  
nem uma mãe que se venda para mim?

### Almada Negreiros, *A cena do ódio*

Que será a celebridade? Eis a obra infeliz a que devo a minha. É certo que essa peça, que me valeu um prêmio e me deu um nome, será, no máximo, medíocre e, ousou acrescentar, uma das menores deste repositório. Que abismo de misérias não teria evitado o autor, se esta primeira obra tivesse sido recebida como o merecia? Mas era preciso que um favor inicial injusto me trouxesse, aos poucos, uma severidade que ainda é mais injusta.

Jean-Jacques Rousseau, Advertência ao *Discurso sobre as ciências e as artes*.

Escreverei sobre a obra<sup>1</sup> de André Rangel Rios. Trata-se de um doutor em filosofia medieval e professor-adjunto do Instituto de Medicina Social da Uerj. Mas a “obra” a que nos referimos não inclui sua dissertação sobre Hegel nem sua tese sobre

---

<sup>1</sup> Além de vários inéditos, André publicou um romance *A Ilha dos Prazeres* (Rio, Uapê, 1997); um longo discurso metaficcional, *Nada – ou Isto Não É Um Livro* (Rio, Garamond, 2001); e uma coletânea de ensaios, *Mediocridade e Ironia* (Rio, Caetés, 2001). Trabalho aqui, na verdade, somente com essas duas últimas publicações.

Suarez. Não escreveremos sobre o André Rios que provavelmente se encaixa neste trecho do indelneável narrador de *Nada ou isto não é um livro*: “Mas acabei achando um tema que, parecia, agradaria, nos limites de uma tese de mestrado, a todos. Decidi escrever sobre Husserl ... Sua pretensão à universalidade, sua certeza de estar propondo algo que perduraria por séculos não me repeliu. Na época cheguei a dizer que Husserl era como um paranóico que toma LSD: ele quer sistematizar tudo cada vez mais avante com seus delírios e promessas. Escolhi um tema bem sóbrio: o juízo... Foi divertido e trabalhoso”<sup>2</sup>. Quando li este trecho, pensei que se trocássemos Husserl por Hegel, teríamos uma semelhança do narrador com o autor. Por isso digo que não se trata do André Rios que cumpriu o dever de ser um doutor em Filosofia, o “André acadêmico”, se formos subdividir (o que já é problemático) este autor em dois ou mais<sup>3</sup>. Interessamos as ligações entre o André ensaísta e o André escritor de “ficções”. Se formos chamar a complexa reunião desses dois autores num só de “André auto-irônico” (só para dar um nome provisório), talvez seja ele que se confessa encarnado no narrador de *Nada...*, no terceiro capítulo “Se”, depois de dois difíceis capítulos que desdobram uma questão atrás da outra, trabalhando e se divertindo com o agravamento dos problemas:

Sempre sofri defrontando-me com a mediocridade por todos os lados. Vivi tentando ultrapassá-la, excedê-la. Mas sempre me vi reenvolvido por ela. Sempre quis combatê-la. Comecei tentando debelá-la do modo mais básico, mais ingênuo talvez, isto é, sempre tentei denunciá-la: sempre tive a mediocridade como meu tema. Mas tudo o que escrevi sobre a mediocridade nunca foi mais do que medíocre<sup>4</sup>.

Se a inserção de André Rios no mundo acadêmico filosófico é trabalhosa e divertida, segundo a ironia do narrador na citação anterior, essa citação nos apresenta a obsessão do autor e a produção que dela deriva, com a qual vamos nos ocupar. Pelo tom, dá a impressão de não ser tão divertida, até porque parece dizer respeito às grandes e reais inquietudes de seu espírito conturbado; no entanto, nos artigos reunidos no livro *Mediocridade e Ironia*, a abundância de sua “ironia” nos levaria a constatar que tais artigos e ficções também proporcionam sua mais profunda diversão (ou quem sabe, prazer?). Mas, pelo tom confessional da citação, tal ironia advém dos mais insuportáveis

---

<sup>2</sup> RIOS, André Rangel. *Nada ou isto não é um livro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 60.

<sup>3</sup> “Filosofia e Ascese. A filosofia como vivência existencial e o ensino de filosofia” (1999). In: RIOS, André Rangel. *Mediocridade e ironia: ensaios*. Rio de Janeiro: Caetés, 2001, p. 194: “Assim também há vários André. Digamos, há um André acadêmico ou mesmo academicista, e há um André ensaísta. E há ainda outros”.

incômodos existenciais e não motiva nenhum deleite com a própria criação, muito menos orgulho narcísico, de modo que não é possível decidir se há prazer ou desprazer.

Mas por que estou me questionando sobre o trabalho e a diversão do autor? Como assim, “diversão”, “trabalho”? O que poderia diverti-lo? Por que o prazer do autor seria relevante teoricamente hoje, já que é mais produtivo pensar a existência do próprio texto, ou de seus atos de leitura? O que é “diversão”, não só neste contexto (trabalho intelectual), mas em geral? Todavia, cabe perguntar “o que é diversão”? Já não estaríamos procurando definir um conceito de acordo com um certo platonismo?

Aliás, o que me faz colocar, logo nas primeiras palavras deste texto, que estou escrevendo sobre a “obra” de André Rios? Que “obra”? Como assim, “obra”? Essa obra existe? André quer existir como autor? Mesmo se não quiser e nós o tomarmos como tal, ainda assim, não seria nossa palavra que estaria impondo o conceito de “obra” ao que não passa de uma diversão, de uma imensa ironia? Mas, como assim, “ironia”?...

Depois de ler “isto”, que pode não ser uma obra, da qual pode não ser feita de livros, nem “ficções”, nem “artigos”, podemos duvidar de tudo o que acabamos de escrever. Para começar, talvez o narrador de *Nada...* nada reflita o autor, ao contrário, tudo indica que tenha sido escrito só para confundir o crítico. Portanto, embora André Rios escreva tanto sobre mediocridade, talvez isso não passe de uma diversão irônica e trabalhosa, diversão que finge ser tão conturbada. Talvez a idéia de mediocridade encubra uma obsessão outra, que faz um crítico ser medíocre ao comentá-la. O fato de eu copiar a *mise en abyme* de perguntas uma atrás da outra encontradas em *Nada...*, em “A estilização da mediocridade em Clarice Lispector”(1995)<sup>5</sup> e em vários outros textos seus, não é mais do que um simulacro medíocre do crítico para tentar absolver sua ironia. Até minha afirmação de que sou medíocre ao mimetizar seus procedimentos como crítico para absorver a lógica de sua disfarçada e falsa modéstia estratégica<sup>6</sup> não passa de uma estratégia medíocre e falsa, e assim por diante.

Por outro lado, talvez o narrador reflita sim algo do autor, talvez a mediocridade seja de fato sua obsessão, mas de uma forma inabordável ao crítico, e por isso mesmo minha mediocridade seja ainda mais radical, por tentar abordar o inabordável dizendo que ele é inabordável.

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>5</sup> RIOS, André Rangel. *Mediocridade e ironia: ensaios*. Rio de Janeiro: Caetés, 2001, p. 29-61.

Diante de tanto impasse, posso me decidir a não escrever mais sobre André Rios, negar a primeira palavra deste texto, negar a primeira frase, e fazer do silêncio da crítica a derradeira mediocridade que não mais se suporta escrevendo.

Com efeito, a leitura dessa “obra” (daqui por diante, não usaremos mais aspas tentando disfarçar a mediocridade do termo, pelo menos desse) nos convida a todas essas atitudes. Defrontamo-nos com uma mediocridade desmedida, “sublime”, segundo Kant, de nós mesmos. A essas alturas, citar levemente um filósofo mais que canônico é mostrar que já relaxamos e aceitamos a “onipresença da mediocridade” em nosso pensamento. Mas ainda poderíamos tentar nos revoltar com essa onipresença pensada por André e dizer que é ele o único medíocre em jogo; devolver o peso desta carga, denegar tanta excrescência ao próprio autor, pois foi *ele* (autor, narrador, narrador das teorias, autor das ficções) que se perdeu em seus abismos. Nesse caso, procurando ver sua obra de fora, diríamos que a mediocridade, na cultura ocidental, não é nem tão onipresente nem tão astuciosa e sutil assim, foi sua obsessão que fez dela uma pessimismo incurável, oriundo de um certo uso problemático da desconstrução contemporânea.

Independente da escolha de todas essas possibilidades ou pior, da resolução ou argumentação impossível de cada uma delas, parece que este texto crítico já foi irremediavelmente levado pelas aporias da obra. Isso dificultaria a exposição da mesma. Fingindo ser menos conturbado e mais sereno, vou organizar numericamente as etapas deste meu texto crítico ignorando, inevitavelmente, os problemas de cada termo usado<sup>7</sup>:

- 1- pretendo apresentar a obra do referido autor através da questão da mediocridade, que é seu grande motivo condutor, e a ironia como difícil (e talvez impossível) *clinâmen* a ser extraído a partir da própria mediocridade para atacá-la;
- 2- desenvolverei o problema da minha posição de crítico diante da obra desse autor, o que é incontornável; não é cabível a usual neutralidade dos *papers* já que sua produção ensaística não deixa de pensar exaustivamente a relação do sujeito crítico com as obras analisadas e toda a problemática das chances do

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, “A ironia irrestrita de Jacques Derrida”. Seria o equivalente à “exímia peça de retórica acadêmica, com tom de modéstia afetada, com o reconhecimento dos limites...”, que ele identifica em Derrida, na p. 282.

<sup>7</sup> *Ibidem*, “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), p. 126: “... questões sem fim, inesgotáveis, infinitas. Sempre haveria algo mais a dizer. Sempre haveria uma explicação a mais a ser dada, um porquê a mais para ser discutido”.

crítico-autor e sua posição político-institucional frente ao cânone literário ou filosófico<sup>8</sup>;

- 3- argumentarei a validade, importância e pertinência de suas indagações ensaísticas bem como o valor dos textos ficcionais mediante a interdependência entre um e outro e a descoberta de uma ironia onipresente possível de ser lida na obra como um todo, ainda que não deixe de ser uma hipótese (invenção, o que leva em conta a problemática da invenção) nossa;
- 4- criticarei o alargamento excessivo da noção de mediocridade, ainda que produtiva;
- 5- Com tal crítica, pensarei minha posição teórica frente à provocação desta obra, mesmo que de maneira grosseira, nutrindo-se e construindo-se a partir dela.

O texto não segue à risca a sucessão numérica proposta, mas o que apresento se baseará nela.

## 1- A SOMBRA DO TITEREIRO

### 1.1 - Onipresença universal

A imensidão do poderio da mediocridade fica bem clara nestes dois trechos, o primeiro dos ensaios e o segundo do *Nada...*:

A mediocridade não é medíocre para se reproduzir e para ampliar seus domínios; para defender-se ela sabe ser bem sutil e erudita<sup>9</sup> e “Como já disse, a mediocridade é onipresente. Protéica. Pode-se ironizar aqui: a mediocridade não é medíocre ao buscar perpetuar-se. Ela é extremamente criativa em se apropriar de meios de mediocrização<sup>10</sup>”.

Essas citações revelariam a prova cabal de que a “onipresença” da mediocridade não passa do sintoma de um obsessivo que acredita não tanto numa teoria conspiratória,

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, “Filosofia e Ascese. A filosofia como vivência existencial e o ensino de filosofia” (1999), p. 189: “Um dos meus esforços dos últimos anos tem sido construir uma posição crítica, digamos, uma voz crítica em relação à prática do ensino e da pesquisa da filosofia”.

<sup>9</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre o *Alienista* de Machado de Assis”, p. 14.

<sup>10</sup> *Nada ou isto não é um livro*, p.57.

mas num estado de coisas incontornável? Mas o texto que segue a última citação é menos generalizante: “Se a mediocridade está e se impõe por toda a parte, então também há por toda a parte os meios de neutralizá-la”<sup>11</sup>. O que segue, entretanto, não é tão tranquilizador.

Mas, ao que parece, é para o lado da mediocridade que pende o resultado, isto é, se se faz qualquer, qualquer coisa que seja, ainda que teoricamente qualquer coisa que se faça possa resultar em algo de não medíocre, em algo de extraordinário, é sempre algo de medíocre o que resulta. Há que se ir armado contra a mediocridade<sup>12</sup>.

Apesar de sempre estarmos desconfiados da confusão entre narrador e autor, parece que em *Nada...* a argumentação que relativiza a mediocridade aparece mais do que nos ensaios, embora, por outro lado, confirme a obsessão.

Mas o que, afinal, é tão onipresente e astuto que pode dominar a mais alta cultura, ou seja, até aquilo que estaria dela mais distante? O que é, afinal, mediocridade? De acordo com sua peculiar orientação desconstrutiva, André não nos autoriza a formular essa pergunta:

O mais difícil é estabelecer o que seja mediocridade. A mediocridade é algo que não se pode estabelecer traçando limites claros. A mediocridade parece ser camaleônica. A mediocridade parece não ser nada medíocre em sua capacidade de se dissimular e se renovar<sup>13</sup>.

Logo, não podemos defini-la justamente devido a sua astúcia, ou ainda, sua onipresença. Se ela está, ou pode estar, em todo lugar, como podemos isolá-la?

A própria questão: o que é a mediocridade? Parece já se mostrar, ela própria, uma questão medíocre, como uma forma de pensar medíocre que se mantém limitada à tradição metafísica do “O que é...”<sup>14</sup>

Querer defini-la é cair em suas garras. Se o ato de definição é medíocre, não é possível deixar de ser medíocre enquadrando-a e *afastando*-se da mediocridade. É por esse motivo que a estratégia discursiva de André é complexa, e precisa ser examinada com cuidado.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.57.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> “A estilização da mediocridade em Clarice Lispector”(1995) in *Mediocridade e ironia*, p. 45.

Quem pergunta pela mediocridade, quem quer pôr-se frente a frente com a mediocridade se faz de tolo; já está perdendo a primeira batalha. Daí a arriscada tática da zombaria, de se ironizar a mediocridade. A ironia busca atacar a mediocridade já esquivando-se dela. É a tática milenar de Sócrates. O risco desta tática está exatamente em se pensar que a mediocridade é risível, é esquecer-se da violência e da tirania dos medíocres.<sup>15</sup>

Se não podemos nos isolar da mediocridade, se é necessário não só lidar com ela, mas incorporar boa parte do que ela domina ou contamina, podemos nos esquivar, nos desviar, cortar sua correnteza dominante com a ironia. A ironia se vale das forças dessa correnteza para alimentar sua própria força e inscrever seu traço singular contra as tolas retas paralelas. Mas de nada adianta se esforçar por deixar este traço visível e reconhecível como tal: a ironia que se orgulha de si mesma é medíocre e, além disso, será destruída pela força tirânica e sempre maior da ditaduras medíocres.

Já que não é possível nem definir, nem reconhecer essa onipresença, nem praticar a mais rigorosa ascese de renúncia a tudo o que foi dominado pela mediocridade, pensar a mediocridade é já entrar numa batalha, numa luta com a linguagem, com o próprio pensamento, e procurar experimentar ironias tentando encontrar uma eficaz. Como André diz, a respeito da *Laus Stultitiae* de Erasmo, “Como se opõe ele então à *stultitia*, à mediocridade universal? Como já se disse, com a ironia”<sup>16</sup>.

A ironia é a um só tempo a arma e a oposição à mediocridade, e só se for manipulada de uma maneira peculiar, especialmente na literatura e na filosofia. Poderíamos nos perguntar por que não existiriam outras armas, por exemplo, a educação? É aqui que a idéia de mediocridade comprova sua diferença em comparação com outras categorias da comunicação, da sociologia ou da filosofia, tais como: “indústria cultural”, “cultura do simulacro”, “sociedade do espetáculo” ou “banalização”. Mesmo que de forma muito enfraquecida e suspeita, muitos acreditam que a educação escolar e universitária pode amortecer a força da cultura de massa pós-moderna, baseando-se numa certa herança iluminista. Mas, por mais esforço que se faça nesse sentido, nunca tal proposta tocaria na grandeza da mediocridade. Se Godard, Berio, Stockhausen, Zappa, Beckett ou Guimarães Rosa se contrapõem radicalmente à indústria cultural, assegurando um mercado de arte e experimentação fora do mercado

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*, “A *Stultitia* de Erasmo” (1998), p. 87.



submetido à lógica do consumo, nenhum deles é capaz de banir para fora sua própria mediocridade. A mediocridade existe de forma bem evidente no cinema americano e nas canções de rádio, mas essa é apenas sua faceta facilmente reconhecível.

Bem mais difícil é ter olhos para ver a mediocridade de Kant, de Deleuze, de Foucault, de Godard, de Duchamp, da Volume (ops, essa não é tão difícil) e do próprio André. Não porque, no fundo, todos eles sejam pretensos intelectualóides que nada têm a dizer e por isso produzem qualquer coisa de muito complicado, só para confundir os leigos (essa é a visão evidentemente medíocre do leigo). O que os leva a se mediocrizarem é o fato de eles terem como condição de possibilidade da existência de suas obras a pobreza infalível da cotidianidade, e se partem daí, vão retornar para esse lugar, por mais sofisticadas que sejam. Da mesma forma que a desconstrução não substitui a metafísica por outra coisa, a mediocridade não pode ser substituída pela grande arte ou pensamento; as obras mais sublimes ou anti-sublimes, que chegam até a absolver a indústria cultural em si mesmas (Andy Warhol), nunca chegarão a anular sua dimensão medíocre, principalmente quando são reconhecidas como sublimes ou anti-sublimes.

Nesse ponto, chegamos ao que poderíamos arriscar a identificar onde se encontra, para André, o cerne da mediocridade, onde ela não pode deixar de estar, onde sempre a encontramos, com toda certeza: no reconhecimento, ou melhor, na fama, no sucesso. Precisamente, o mais preocupa (e/ou incomoda?) André é a mediocridade dos cultos, entediados e hábeis como ele<sup>17</sup>, principalmente os que, além disso tudo, possuem o reconhecimento. Esse “reconhecimento” em larga escala André Rios ainda não possui, mas pode estar em vias de possuir no contexto nacional, e a hipotética aceitação ou recusa que André Rios fará desse reconhecimento é um dos problemas mais interessantes que abordaremos posteriormente. O grande “perigo” é que “a mediocridade sabe ganhar para o seu lado os espíritos mais brilhantes, são estes que por vezes melhor esmagam aqueles que ousam opor-se ao poderio desta deusa”<sup>18</sup>.

Mas o que faz esses espíritos brilhantes se tornarem medíocres? Depois de ter lido a crítica de André à Derrida, Foucault, Heidegger, e principalmente aos seus seguidores, a resposta não está clara, mas tudo indica que se trata do problema de se colocar numa posição de reconhecimento, de sucesso intelectual, pois esse é o lugar por

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre o *Alienista* de Machado de Assis”, p. 15.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 15.

excelência da mediocridade. Mas cabe aqui perguntar, por quê? O que indica a competência de um intelectual não é, justamente, o interesse que suscita nos demais e a importância que toma em uma dada discussão? Parece que André não desenvolveu muito essa questão (mas em “Filosofia e Ascese” ele propõe uma argumentação contra o culto dos grandes nomes no ensino de filosofia), o que comprometeria, talvez, o estatuto de negatividade que impõe ao sucesso. Sem tratar desse problema agora, já que ainda estamos tentando expor seu pensamento, aceitemos que toda posição de reconhecimento, ou pior, de “estar na moda”, já é um enfraquecimento de uma obra e uma condescendência fatal à mediocridade.

Em outras atividades intelectuais, como por exemplo, nas artes, também encontramos espíritos brilhantes. Mas é justamente nesse meio que o contraste entre suas obras e a mediocridade de seu reconhecimento se torna doloroso, por exemplo, na idolatria da biografia de Beethoven (por mais que a quinta e a nona sinfonias sejam brilhantes, sua popularização dificulta uma audição não medíocre), no aburguesamento dos surrealistas ou dos Beatniks (por mais que seus integrantes ainda proclamem uma postura revolucionária ou indiferente ao sucesso, a exibição dessa recusa é a melhor estratégia, intencional ou não, para manter e aumentar o sucesso e tornar a subversão ou a indiferença medíocre), na afirmação da banalidade do consumo de Andy Warhol (por mais que todo o sucesso seja parte de sua própria estratégia artística, o poder desse sucesso fez a própria estratégia de Warhol passar para o lado da mediocridade!).

O *corpus* de André, ao contrário, nos sugere que, independente das tentativas mais desesperadas e fracassadas da vanguarda modernista de sair da mediocridade, podemos aprender como a discricção de alguns conhecidos do cânone literário brasileiro e mundial – Rosa, Erasmo, Clarice e Machado – foi capaz de manter um silencioso distanciamento em relação à mediocridade de seus críticos, mesmo carregando o (complexo, fácil, difícil, desejável, indesejável?) peso do sucesso. Todos eles conseguiram isso através do que André chama de “ironia pervasiva”, aquela “que não emana de nenhum personagem nem de qualquer narrador. Esta ironia, digamos assim, impessoal, sendo a mais móvel é a mais apta a conter a também rápida, ágil e assimiladora mediocridade”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre o *Alienista* de Machado de Assis”, p. 23.

## 1.2- Contra-ataque do vazio

Parece que André vê esse tipo de ironia como a melhor forma de se manter na consagração ou no cânone sem ser “canibalizado” pela mediocridade<sup>20</sup>. No texto “Itaguaí é aqui”, ele já começa dizendo que a ironia de nosso “bruxo” Machado de Assis mal foi decifrada pelos críticos de sua obra, Luiz Costa Lima e Kátia Muricy. Primeiro ao tomarem o partido do personagem Porfírio, de Machado de Assis, estariam sendo vítimas da ironia a que Machado submete o próprio personagem<sup>21</sup>. Segundo, aceitam que o narrador deste conto, “O Alienista”, se identifique com o autor, e não percebem que o narrador, conivente com o patriarcalismo, é tão medíocre quanto os personagens, o que é a estratégia básica da ironia especular do autor Machado para lidar com a mediocridade: deixar a mediocridade falar e se exibir como ela gosta para que a ironia pervasiva não se comprometa, não se exponha facilmente; que a “especularidade” da mediocridade do narrador com os leitores ingênuos possa se multiplicar livremente pelo texto, fazendo com que a *hybris* da ironia da mediocridade se traia e se perca<sup>22</sup>. Quem não perceber as armadilhas dessa ironia, cairá nas artimanhas da mediocridade e será motivo de riso da ironia que a domina. Assim, a mediocridade “vencida” se torna uma armadilha da ironia especular. Se um autor quiser exibir sua ironia orgulhosamente, ocorrerá o contrário: sua ironia será mais uma armadilha da mediocridade.

Terceiro, os críticos não perceberam que Machado ironiza o patriarcado ao deixar entender que, entre D. Evarista e a esposa do boticário, há uma relação homossexual e, segundo André, “a única prática que efetivamente escapa e, assim, se contrapõe e resiste ao patriarcalismo, isto é, que se mantém fora e não é assimilada por ele, é o lesbianismo”<sup>23</sup>. Portanto, os críticos, ao não se darem conta dessa informação da narrativa sutil mas essencial, se tornam cúmplices do patriarcalismo. No entanto, essa afirmação de André de existir todo esse poder subversivo no lesbianismo, de estar do lado *de fora* do patriarcalismo, poderia ser contestada pela própria impossibilidade de se estar fora das instituições metafísicas dominantes analisada por Derrida e que André conhece tão bem.

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, “A ironia irrestrita de Jacques Derrida”, p.277-9.

<sup>21</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre *o Alienista* de Machado de Assis”, p. 11-3.

<sup>22</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre *o Alienista* de Machado de Assis”, p. 18.

<sup>23</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre *o Alienista* de Machado de Assis”, p. 26.

Mas, se podemos fazer essa crítica a esse ensaio, que termina dando tanta importância ao lesbianismo, resta uma possibilidade mais complexa: o próprio André pode estar praticando uma ironia especular em seu texto, e inviabilizando uma crítica deste tipo, aliás, qualquer crítica a seu texto, sob pena de o crítico ser conivente com a mediocridade que Machado expõe por meio de sua ironia, ironia essa que André aparentemente está decifrando. Como André é (ou tenta ser) suficientemente hábil, ele mesmo se auto-ironiza quando diz “Fico até pensando o quanto ele (Machado), ao fim deste ensaio, também não rirá de mim”<sup>24</sup>. Assim, essa modéstia, retórica e acadêmica, pode muito bem ser a armadilha (mas também o segredo da armadilha) da ironia crítica: ~~de~~ deixar falar a própria mediocridade da crítica para subvertê-la silenciosamente, realizando assim uma espécie de desdobramento *mise-en-abyme* que a interpretação de Machado faz do próprio Machado<sup>25</sup>. O fato de essa estratégia ser ao mesmo tempo a armadilha e a saída da armadilha toca numa grande questão para a crítica. Ela nunca pode estar certa de que encontrou, decifrou ou desvelou a ironia do autor, nem pode estar certa de que sua ironia decorrente seja o desdobramento da do autor ou mais uma ironia medíocre. André deixa isso claro no final do ensaio:

O que imortaliza Machado não são nossas análises textuais laudatórias e medíocres, são as boas risadas que ele, zombando de nossa pretensão em domesticá-lo, pode dar de sua tumba. Pelo que vejo ele muito ainda se rirá de nós, leitores incautos de suas obras. Talvez a melhor maneira de comentar essas obras seja nos pormos em busca das risadas póstumas de Machado de Assis.

Apesar (ou por causa) do sempre duvidoso “talvez”, manipulado pela cautela de André (que evita qualquer afirmação para se manter no difícil equilíbrio da permanente incerteza), encontramos aqui uma verdadeira proposta alternativa de leitura do texto literário: ir à busca da ironia do autor não para dominá-la, mas para ser voluntariamente sua vítima, aumentando seu poder. A melhor forma de valorizar nossos “bruxos” é duelar a magia de nossa ironia com a deles e, perdendo a luta, enfeitizados, doar nossas energias e agravar o feitiço para que o próximo crítico seja a próxima vítima. A “imortalidade” de Machado é uma risada eterna, incessante, alimentada por cada novo desastre ridículo da crítica. Entretanto, como estamos tentando demonstrar, a operação também pode ser invertida. A ironia de Machado pode ter sido decifrada, interpretada

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, “Itaguaí é aqui. Sobre *o Alienista* de Machado de Assis”, p. 13.

<sup>25</sup> Desenvolveremos melhor essa hipótese logo adiante, no item 2.3.

ou até inventada (não podemos decidir) por André para que ele mesmo se sirva de suas energias com vistas a aumentar a sua própria ironia. Estas “energias” são, entre outras coisas, a própria autoridade canônica do grande nome que é Machado de Assis. Nesse caso, o crítico seria uma vítima aparente do feitiço do autor, pois sua “ironia pervasiva”, silenciosa, justamente, estaria aí para se fingir vencida? Quando fracasso ou vitória se tornam indecisos é porque ambos se equivalem. Mas se há equivalência, a armadilha fica ainda mais complicada: um finge a vitória do outro em sua falsa derrota e vice-versa, quer dizer (queremos tentar ser claros), um finge a derrota do outro em sua falsa vitória. Logo, tal relação deixou de ser duelo, deixou de haver luta para que haja uma reciprocidade simbiótica na simulação do duelo.

De qualquer forma, a falsa subversão do lesbianismo pode ser, portanto, uma falsa interpretação fraca, voluntariamente (ou não, o que levanta a hipótese de uma *involuntária falsa* interpretação fraca!) posta por André para que um crítico desavisado (mediocre) critique essa tolice justamente para cair na armadilha.

Toda essa série con-fusões que desconstroem relações binárias e as desdobram indefinidamente são a grande característica da ironia especular: ela provoca uma *mise en abyme* do pensamento, como André escreve a respeito de Erasmo: “Trata-se de ironia em *mise en abyme* ou ironia especular, isto é, de ironias que se espelham umas nas outras e se potencializam reciprocamente”<sup>26</sup>.

Além de Machado, André analisa as ironias de Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Erasmo. No “Grande sertão Veredas” de Rosa, André mostra como a crítica é insensível às ironias tanto do autor (com o neoplatonismo, por exemplo) quanto do próprio narrador, Riobaldo. Mais uma vez, André afirma que não é possível ser senhor do texto como crítico, pois a própria figura do “senhor” é ironizada: “é importante que nos lancemos à tarefa de ler um livro aceitando que não iremos compreendê-lo, que não se pode compreendê-lo, que não nos tornamos senhor dele.. Pois, nele, o senhor é implacavelmente ironizado. Inclusive o senhor escritor”<sup>27</sup>. De forma diversa de Machado, André critica o autor Rosa por estar comprometido com a canonização, “ele se proclama sertanejo e estende esta mesma honraria a não menos que Goethe, Dostoievski, Tolstoi, Flaubert e Balzac, ou seja, onde ele se inclui modestamente no

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, “A *Stultitia* de Erasmo” (1998), p. 89.

<sup>27</sup> *Ibidem*, “Narrativa e ironia no Grande sertão de Guimarães Rosa” (1999), p. 72-3.

cânon internacional se auto-sacralizando, assim, como senhor”<sup>28</sup>. Portanto, a ironia de sua obra ultrapassa sua própria autoria.

Embora André não tenha dito isso de Machado, podemos colocá-lo na mesma situação, já que Machado foi, afinal, condescendente com a política dominante de sua época, foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras etc. Portanto, neste texto, André justifica aquilo que já antevimos: a ironia do autor também pode ser ironizada pela ironia do crítico (que pode então participar da ironia do texto do autor contra o próprio autor), e uma pode derrubar e/ou elevar a outra.

Neste ensaio, André questiona mais profundamente a autoridade dele mesmo ao descobrir a silenciosa ironia especular que os outros críticos ignoraram:

Não estou liberando Riobaldo, que tão soberanamente ironizou os leitores canonizantes modernos, para emaranhá-lo em uma rede de sutilezas pós-modernas, de modo a, agora sim, com tão mais eficácia, submetê-lo à academia?<sup>29</sup>,

Em outras palavras, André mostra que ele pode estar se afastando ainda mais do texto, ou domando-o, ao pretender decifrá-lo com uma eficácia ainda maior.

No final, ele ainda desautoriza o próprio Riobaldo, que foi sempre motivo da simpatia de toda a crítica e até então a dele mesmo, mas é, no final das contas, um criminoso, perverso e no final da vida semelhante a um bom burguês. Finalmente, ficamos com a impressão de que a ironia do crítico, do autor e do personagem ultrapassa toda individualidade para se tornar uma espécie de entidade superior que se serve de cada um para ironizar a todos, superior justamente por não estar limitada a uma identidade, logo, por não ser exatamente uma entidade. Como André afirma a respeito da ironia de Derrida:

A ironia está inscrita no texto, ela depende intimamente do texto ... e do contexto ..., mas também não pode nunca ser totalmente descrita, ela sempre excede toda a escrita, inscrição ou descrição. Toda a determinação descritiva de uma ironia é sempre não mais que um ícone para indicar o seu excesso. A ironia trabalha com a inesgotabilidade do contexto; ela amplia, reduz, muda, desestabiliza os contextos<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>30</sup> *Ibidem*, “A ironia irrestrita de Jacques Derrida”, p.282.

Essa inesgotabilidade justifica o fato de ela poder nunca ser descoberta num autor, ou só ser descoberta pelo André em alguns autores parcialmente e nunca totalmente. O problema da ausência de recepção para a ironia especular é abordado na ironia de Erasmo:

Mas, do mesmo modo que a *Stultitia* precisa de seu público conivente, o ironista radical também precisa do seu, porém o ironista deixa que seu público e sua ironia ‘aconteçam’: quanto mais raramente seu público (o segundo público) acontecer, mais saborosa será sua ironia<sup>31</sup>.

André distingue a ironia do texto da *Laus* em três características: a especular já analisamos. A pervasiva é aquela que se alastra para além do texto enredando cada um dos leitores e intérpretes de modo que eles contribuam para a tolice da *Stultitia* (traduzida por André como “mediocridade”) que é exibida no texto. A ironia em acontecimento – é a que estamos tratando – não tem

(...) a função instrumental de persuadir um grupo imediato e delimitável, mas que vai acontecendo na medida em que surgem seus intérpretes que tanto mais rirão quanto mais ficar caracterizado o quão pouco a ironia foi percebida. Este tipo de ironia pode, inclusive, ser proposta como que visando um público futuro, ou seja, uma ironia que corre o risco de não ser nunca compreendida.<sup>32</sup>

Pervasiva é a ironia que se alimenta da reprodução da mediocridade feita pelos leitores que, justamente, não a atingiram; ao passo que a ironia em acontecimento se serve do acúmulo de ironia pervasiva para potencializar o riso do intérprete que a descobre. Como se vê, uma depende da outra: a pervasiva está à espera da ironia em acontecimento, e a ironia em acontecimento absorve toda a espera da ironia pervasiva no seu riso raro.

Desta forma, se, em extremo, não há público para a ironia em acontecimento, ela pode não ser mais do que uma ironia narcísica; logo, se o “ironista radical” pretender rir dos que não a entenderam, tal ironia pode-se converter em vaidade e resvalar para a mediocridade. Como não é possível se jactar da própria ironia, ela deve-se introduzir de forma impessoal, mas se nossa *intenção* for introduzi-la silenciosamente esperando um leitor (para que ela se reconheça especularmente e libere a *mise en abyme*), há aí um problema. Essa impessoalidade não pode ser motivo de seu contrário, ou seja, de uma

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, “A *Stultitia* de Erasmo” (1998), p. 89.

especularidade narcísica (André diz, sobre isto, que “há algo de heróico”<sup>33</sup>), pois seria uma falsa impessoalidade.

André não analisa em profundidade a aporia da ironia em acontecimento, mas a justifica. Diz que Erasmo não está imune à sua própria ironia. Se nenhum homem está acima da “atmosfera” mesma em que a mediocridade respira, a mundaneidade, não se pode não ser, integralmente, medíocre, o que já vimos. A mediocridade é a “pedra no meio do caminho” de todo ironista, por mais radical que possa ser, e a ironia, se pode-se esquivar da “pedra”, nunca pode destruí-la totalmente. O que interessa reter aqui é que a individualidade do ironista deflagra a ironia em acontecimento, mas não pode nem se deve apoderar de sua existência. É ela que se apodera do ironista e de seus intérpretes, e se um deles se posicionar como seu “criador”, não criará senão seu próprio infortúnio de ser mais uma vítima da ironia pervasiva. Para sair da dificuldade de não existir uma ironia pessoal, André, portanto, tenta resolver o problema com a noção de *kénosis* (substantivo grego que é usado no sentido de vazio, vacuidade, esvaziamento, passado para o português como “quenose”).

A ironia em Erasmo é um exercício de esvaziamento de si mesmo: esse é o “caráter, por assim dizer, iniciático que há na *Laus*”<sup>34</sup>. Erasmo violenta contra sua própria identidade por que ela está comprometida “por esta mundaneidade fechada sobre si que é a mediocridade”, e convida alguns leitores a o acompanharem nesta mesma quenose. No entanto, tal ascese não procura o abandono de si no êxtase cristão. A ironia não é uma prática que visa um gozo para além do eu, mas apenas uma “serenidade jocosa”<sup>35</sup>, justamente porque tal êxtase seria mais uma pretensa saída absoluta da mediocridade, e justificaria uma finalidade, uma teleologia sublime para a ironia em acontecimento.

Essa valorização da quenose também precisa ser esvaziada, de modo que a quenose irônica radical seja uma quenose da quenose, uma *mise en abyme* da quenose que se esvazia de si mesma para que o próprio vazio da ironia não seja nunca o “mesmo”, que seja sempre redobrado especularmente na diferença de si mesmo. Pressupondo que este uso da ironia de Erasmo interpretado por André (não temos condições de saber se tal leitura de André é válida ou não dentro da *scholarship* sobre

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 97.



Erasmus, ela nos serve somente como invenção teórica de André) fundamenta, justifica e afirma sua própria ironia, este seria um meio de sair da trivialização de práticas ascéticas que não proporiam nada que conteste os valores dominantes<sup>36</sup>.

Tradicionalmente, segundo André, a compreensão retórica da ironia define três individualidades distintas, necessárias para a ocorrência da ironia: o ironista, a vítima e o intérprete<sup>37</sup>. Analisando um texto de Derrida, André afirma que, mesmo quando há auto-ironia, ou seja, quando a vítima se identifica com o próprio ironista, pode-se reconhecer a diferença entre as três instâncias. No entanto, em Derrida, não há determinação dessas instâncias, portanto, ele pratica a ironia pervasiva, assim como Erasmo, Rosa, Machado e Clarice. O paradoxo da posição de intérprete de André é assumir ter sido o único a teorizar e desvendar a ironia em acontecimento desses autores (principalmente de Derrida) e, assim, arriscar-se a cair numa valorização de si mesmo. Mas no próprio ensaio “A ironia irrestrita de Jacques Derrida”, ele repete a hipótese da pervasiva risada póstuma de Machado para, implicitamente, estar de acordo com a prática da *quenose*, quer dizer, é uma maneira de esvaziar sua condição de intérprete para levantar a hipótese de que Derrida pode estar rindo dele, tornando-se (ele, André) sua vítima, ou de que seu lugar mesmo não é tanto de intérprete como também de ironista do seu leitor-intérprete por vir etc. Aqui fica mais claro o quanto a *quenose* irônica, mediante uma *mise en abyme* do eu ensaístico, indetermina as instâncias, de modo que Derrida, André e eu mesmo perdemos nossa individualidade.

## 2 - CHANCES CRÍTICAS

### 2.1- Sóbria insignificância

Além dos textos sobre literatura, os ensaios de André também trabalham com textos filosóficos, dos quais citamos um sobre Erasmo e outro sobre Derrida. “O aniversário da morte de Heidegger” (1996) é uma ironia pensando sobre o quanto a ocasião das homenagens levam os teóricos a praticar justamente aquilo que Heidegger despreza, a *Gerede*, conversa fiada<sup>38</sup>, imbuída de vários procedimentos medíocres.

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, “Filosofia e Ascese. A filosofia como vivência existencial e o ensino de filosofia” (1999), p. 195.

<sup>37</sup> *Ibidem*, “A ironia irrestrita de Jacques Derrida” (1998), p. 270.

<sup>38</sup> *Ibidem*, “O aniversário da morte de Heidegger”, p. 101.

Outros procedimentos medíocres, que o próprio pensamento de Heidegger praticava, como, por exemplo, sua reprodução do dispositivo de controle que a história da filosofia faz da “seleção de nomes, de textos e de como lê-los”<sup>39</sup> são denunciados.

Há outro ensaio sobre Heidegger em *Mediocridade e Ironia*, onde o “intérprete”, em vez de analisar a ironia de outros autores ou discutir as contribuições e limitações de um pensador, usa de toda sua ironia para “desconstruir”, ou melhor, ironizar o pensador analisado: “Uma mera ficção. A viagem de Heidegger à Grécia” (2000), tarefa que já fora empreendida parcialmente em “O aniversário da morte de Heidegger”. Explorando a questão da relação entre o valor e a importância de seu próprio nome e de seus colegas do colóquio que participou, André desdobra, em “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), todas as implicações de ter uma existência menor que um “infame” (apropriando-se de um termo de Foucault), uma existência absolutamente desinteressante; mas também leva em conta o fato de, talvez, quem sabe, ser valorizado e alcançar a glória justamente por causa de ter analisado habilmente sua insignificância, mesmo que o texto termine com uma bela citação do *Esperando Godot*, de Beckett, que possui um poderoso efeito estético dentro de um texto teórico ao ironizar as esperanças de uma glória possível, quer dizer, os desejos medíocres de um professor de filosofia insignificante:

Mas será que por trás desta minha tentativa de pensar insignificamente não estou dissimulando mais uma metatécnica filosófica que nega, ou a Tradição da Filosofia, ou as glórias desta Tradição, para tentar voltar triunfalmente carregado sobre os ombros desta Tradição que ardilosamente desvalorizei? Não vejo nenhum perigo disto, estou bem sólido em minha insignificância. Mas se sou tão lúcido dela, será que não vou ainda achar um caminho para fora dela e – heroicamente – alcançar a glória? Será? Quem sabe? “Então, vamos lá?” “Vamos.”<sup>40</sup>

Não vou me alongar em toda a discussão que André levanta sobre sua insignificância, somada à importância de o ensaísta levantar e questionar sua autobiografia. Mas percebe-se que há uma rara e sofisticada denúncia da subserviência da universidade, da intelectualidade e da política cultural brasileira por quase não permitir a mínima chance de participação do laborioso professor universitário no debate público, muito menos dá a ele condições de ganhar a pequena parcela de uma glória medíocre, mas, de qualquer forma, necessária para financiar tanto a interminável ironia

---

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>40</sup> *Ibidem*, “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), p. 162.

pervasiva quanto a felicidade da ironia em acontecimento. O pior e o mais complicado é tentar desconstruir um *habitus* da universidade brasileira de não inventar e não construir sua própria independência, mesmo quando glorifica um pensador próprio ou, o que é ainda pior, justamente expõe humilhantemente sua fraqueza ao valorizar teóricos medíocres<sup>41</sup>, justificando a ausência de prestígio do professor universitário em geral. Talvez, pensando melhor, não precise existir uma glorificação de grandes nomes, mas apenas condições para uma boa discussão. Mas como um país com nossa tradição cultural pode “investir” em boa discussão se nem sequer produzimos grandes nomes que a justifiquem?

Sem mais nos alongar nessa discussão, não há dúvidas de que André é um dos poucos que levanta essas questões com a inquietação que elas merecem. É difícil observar a vida de tantas pessoas (não quero citar números nem estatísticas) na universidade fingindo que esses problemas não existem, ou fazendo pouco caso deles, ou sustentando (implícita ou explicitamente) que não faz diferença abordá-los ou não. Lendo André, ficamos com a impressão de que ele se esforça para que as chances de *diferença* do pensamento universitário brasileiro apareça por meio do questionamento de sua indiferença habitual consigo mesmo. Mas, como ele assinala, essa própria reflexão pode não ser mais do que uma mera derivação da desconstrução francesa ou americana. André faz um imenso esforço para cercar todas as possibilidades de um provável fracasso, e procura antever, obsessivamente, seus sinais. Tal obsessão de ser modesto pode ser o sintoma da impossibilidade da modéstia, não só dele, mas de qualquer ensaísta<sup>42</sup>.

André articula várias *mises en abyme* em cada ensaio (principalmente em “O aniversário da morte de Heidegger”), mas não perde uma verdadeira clareza estilística. Sem dúvida, tal clareza é a condição para que tais *mises en abyme* não levem a um arriscado hermetismo. O abismo da autoralidade teórica é clareado o máximo possível para que se torne visível uma possível singularidade de idéias, talvez a singularidade de ser uma clara articulação filosófica da *mise en abyme*, que nos permite ficar atentos à *mise en abyme* obscura de todo e qualquer texto literário ou filosófico. O barroquismo das *mises em abyme* são contrabalançados por uma certa leveza explanativa. Talvez seja essa sobriedade o derradeiro golpe contra a mediocridade mais astuta, a do hermetismo

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, “A ironia irrestrita de Jacques Derrida” (1998), p. 280.

<sup>42</sup> Esse problema levará mais adiante à relação entre quenose e glória.

erudito, signo pueril de dificuldade e profundidade. André trata de problemas complexos, mas os destrincha com um generoso cuidado com o leitor. Por não tratar de nada simples, o risco dessa clareza é o de simplificar. Mas não há como fazer uma tal acusação.

## 2.2- Primeira crítica hipotética

No entanto, podemos lançar uma hipótese mais... complexa. Agora já duvido de afirmar que existe “a mediocridade mais astuta”. Achar que se pode medir os graus de mediocridade e daí poder identificar o seu máximo é uma ingenuidade. Por isso, podemos lançar a hipótese (bem de acordo com a obsessão de André) de que a mediocridade pode-se servir de qualquer forma discursiva, de qualquer estratégia. Logo, toda a clareza de André pode ser medíocre. Todo seu cuidado com a compreensão do leitor, levantando problemas complexos, pode ser um sinal de que, afinal, a abordagem de tais problemas e o modo como ele sempre os suspende, sem nunca propor uma saída, é, não simplificada, mas medíocre. Ele não se permite traçar novos caminhos a partir de suas indagações, ele prefere se manter imóvel diante do excesso de questões que levanta, contemplando extasiado (mas alegando uma sobriedade) a falta de respostas e/ou suas infinitas possibilidades.

Pelo menos essa é a crítica que levantaríamos do texto “A diferença” (2000), que faz uma interessante crítica a Derrida. Ele diz que o impensado em Derrida é não se questionar do imperativo de extirpação (impossível) da metafísica do pensamento ocidental, o que é, do nosso ponto de vista, uma valiosa crítica à desconstrução. A necessidade imperiosa e nunca relativizada de “desconstruir” uma herança que é vista em todo lugar, e que sempre é negativizada como um malefício perigoso, é muito suspeita. A obsessão contra a metafísica em Heidegger, Nietzsche e Derrida (ou metafísicas, como o último prefere), reconhecendo uma invariante da história da filosofia da qual é impossível a superação (essa impossibilidade é mais visível ainda em Derrida), é o sintoma de um aprisionamento do pensamento em seus próprios fantasmas históricos, e não uma tentativa mais desprendida de encontrar novas linhas de fuga, menos insistindo na obsessão do novo do que aceitando melhor certas cargas inevitáveis do passado. Todavia, quando André se opõe ao imperativo do “il faut” derridiano ele assume uma postura niilista:

Sem todo este meu parasitismo, que é inútil para saber o não-saber, eu não estaria aqui convidado, falando e escrevendo sobre o não-saber. O a é desnecessário, minha carreira acadêmica é desnecessária, este evento é desnecessário. Como se diria, numa linguagem entre a mística e psicanálise [André refere-se aqui a Michel de Certeau], é tudo lixo. O a é lixo<sup>43</sup>.

André entende que o professor universitário chegou a um impasse. A *différance* é um não-saber, mas justifica todo um trabalho com o saber para chegar a esse não-saber. No limite, o professor não vai oferecer mais ao aluno do que o que ele não sabe. Portanto, já que ele nada transmite, ele é, no fundo, um parasita, logo, tudo o que faz é desnecessário, e tentar mostrar a necessidade da transmissão de um não-saber é medíocre, até porque pode facilmente cair numa certa mística, alimentada pela aura idólatra de admirar aqueles que dominam o “saber do não-saber”. O problema que André pareceria não ter se dado conta, pelo menos na maneira como ele termina este ensaio, é que ele mesmo propõe o mais absoluto parasitismo. O contato com o não-saber e todo o excesso de dúvidas que ele provoca só pode nos levar a nada empreender, nada arriscar, nada pensar e nada mudar, enfim. Assim, a onipresença da mediocridade de André cai num problema pior do que a onipresença da metafísica que ele apontou. A obsessão pela metafísica provocou toda uma reavaliação das potencialidades das práticas filosóficas, mas a obsessão pela mediocridade parece não fazer mais do que projetar o fracasso do inexistente pensamento brasileiro na filosofia mundial e, por extensão, na existência como um todo.

Talvez a própria clareza estilística de André, embora admirável e louvável, seja um convite à imobilidade, e não ao entusiasmo pelo deciframento, tão presente nos alemães e em alguns franceses. Ao evitar o eruditismo e o hermetismo medíocres, André ainda cairia numa (falsa) sobriedade medíocre<sup>44</sup>. Uma afirmação como essa que acabei de fazer evidencia o quanto é complicado lidar com a falta de critério para diferenciar o que é e o que não é medíocre. Dependendo do contexto, tudo pode ser medíocre, e dependendo ou não do contexto, tudo pode ser irônico para que a ironia ultrapasse o seu contexto. Podemos até afirmar que a ironia não é nem histórica nem anistórica, ela se mantém sempre em suspenso no devir histórico, e a mediocridade é

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, “A diferença” (2000), p. 237.

<sup>44</sup> Seria falsa por cair num mal disfarçado fascínio pela imóvel contemplação do excesso de dúvidas do não-saber. A extrema mobilidade do pensamento da suspeita equivaleria à imobilidade política do intelectual.

histórica e anistórica, sempre dominou um contexto histórico, é a invariável pobreza dos contextos mais variáveis. O parasitismo sóbrio de André nega toda possibilidade de mudar seu contexto simplesmente porque não há como superar a dominância da mediocridade em qualquer contexto, e todo esforço de mudança é uma vã agitação ainda mais medíocre que a paralisia dos professores coniventes com suas instituições. Manter-se na suspensão irônica é, portanto, gozar do excesso abismal de dúvidas e possibilidades, usufruir das ironias em acontecimento encontradas nas obras literárias e filosóficas e propagar o poder de tais ironias com os próprios artigos. O “acontecimento” irônico captado na leitura silenciosa só é presenciado ausentando-se dos acontecimentos mundanos.

Toda essa crítica pode ter suas razões. No entanto, precisa ser examinada com mais cuidado, pois a obra de André oferece vários indícios para torná-la supérflua perto de sua própria riqueza de contradições, contradições essas que – como analisaremos agora – talvez estejam bem articuladas, ou seja, não são ingenuamente contraditórias. Agora procuraremos mostrar como a “força” dos ensaios é galvanizada pelas prosas literárias (analisaremos, por enquanto, só uma). Façamos um pequeno esboço de uma obra ficcional de André, *Nada ou isto não é um livro*.

O narrador do primeiro capítulo não narra nenhuma história, apenas deixa fluir uma reflexão plena de *mises en abyme* e seus barroquismos, por isso mesmo está longe de um fluxo de associações livres, pois possui uma ordem: a ordem que é necessária para formular uma série de problemas sem solução, a ordem obsessiva da máxima suspensão possível de certezas sem o prejuízo da clareza estilística e exposição de idéias, compulsão à repetição do inconcluso. O narrador ordena seu discurso só para tocar num ponto irrespondível, ou numa região de problemas insolúveis. Quando tal região esgotou seu poder de perplexidade, o narrador volta a ordenar outros problemas para chegar a mais um arroubo aporético, mas nunca sem abandonar, é claro, o tom sóbrio.

Essa situação se repete em quase todos os outros capítulos. Se o primeiro deles desenvolve a impossibilidade de “não fazer nada” e pensa tematicamente o fazer da escrita que escreve sobre o “não fazer nada”, o segundo pensa a impossibilidade de se orar para Deus não só por se desacreditar de Deus, mas por se desacreditar da identidade do eu que ora e sua capacidade de crer em algo e portanto de se identificar com esse “algo”. O quarto capítulo propõe um diálogo entre uma voz que problematiza toda e

qualquer noção e uma voz simplificadora. Tal diálogo é sobre o acontecimento de se estar escrevendo um livro, explorando todo o abismo ou a distância que a temporalidade da escritura invoca entre o pensamento, o ato da escrita, o ato de leitura do leitor e o ato de publicação. O quinto capítulo problematiza a existência do livro, e coroa todo esse cortejo de esvaziamento das noções com a insuportabilidade de ser escritor e de ser o autor do livro escrito, analisando a sugestão de se colocar uma epígrafe de Nietzsche que não se tornou epígrafe mas mereceu um longo comentário sobre o fato de se estar no final do livro. Principalmente neste último capítulo, fica claro que o excesso de indagações de todo o livro se produz a partir de noções ou categorias da crítica literária (autor “autoral”, autor “ficcional”, narrador, personagem etc). Em todos esses capítulos, a devoção ao abismo de dúvidas e possibilidades, que identificamos nos ensaios, é ainda mais emergente. A liberdade imagética (poética) do texto literário não é nem um pouco explorada, e a ficcional, somente um pouco. André, neste livro, parece interessado em usar a liberdade do texto literário para experimentar melhor suas indagações como teórico até onde elas produzem um tipo singular de texto. Por isso, o livro inteiro confunde os gêneros (prosa/ensaio) e as fronteiras entre literatura e teoria.

O terceiro capítulo é o único que desenvolve alguma narrativa: o narrador, aqui um personagem relativamente definido, é um professor de filosofia que conta sua luta “inglória” contra a mediocridade. Neste capítulo se encontra uma conexão bem clara com a discussão dos ensaios.

Retomando a crítica feita anteriormente, constata-se que o parasitismo acima denunciado é existencialmente muito bem explorado em *Nada ou isto não é um livro*. O narrador, no primeiro capítulo, já que não narra, somente reflete sobre sua própria escrita, pode ser chamado de *escritor*, talvez *ficcional*, que é e não é (há um jogo com a ambigüidade) o escritor autoral. Esse escritor começa o texto dizendo que pretende não fazer nada: “Hoje não vou fazer nada” (p. 7). Mas logo percebe que para não se fazer nada é preciso fazer algo que não exija muito esforço. Então o escritor começa a se ver complicando a questão e se esforçando com perguntas “dialéticas”. Ele quer fazer alguma coisa que seja nada, mas não quer sentir tédio, que torna qualquer coisa muito trabalhosa. Depois começa a pensar o que é estar escrevendo sobre nada, e embrenha-se na dificuldade de saber se o “nada” é ou não um assunto, alguma coisa.

Sabemos que a questão sobre o “nada” ou o não-ser foi tratada das mais diversas formas e movendo grandes obras ao longo da história da filosofia e da literatura, e

sabemos que André sabe disso melhor que nós, com seu doutorado em Berlim, cume de toda uma formação em filosofia. Portanto, o autor não é nada ingênuo ao escrever a partir de uma indagação tão explorada. No entanto, não é o que parece. Este primeiro capítulo nada acrescenta aos grandes textos que trataram dessas questões, ou seja, sua abordagem do “nada” é medíocre.

Mas ainda assim ele tem uma boa serventia para nossa análise. Se André cai no parasitismo, e até *quer* ser parasita, o início do *Nada...* prova que ele *não consegue*. Ele prova não só que não é possível não fazer nada para qualquer pessoa, como ainda mostra que André (na hipótese de ele se confundir com o escritor ficcional) não consegue fazer outra coisa senão escrever, pensar, produzir conhecimento, produzir saber sobre o não-saber. Nesse caso, embora esse saber seja um lixo (seja ele medíocre ou não), sua *práxis* é inevitável no momento mesmo em que o pensamento se embate com o não-saber ou o não-fazer. Se tal produção é o resto do nada, podemos concluir o seguinte: todo saber filosófico ou literário não pode ser senão o saber do não-saber, e fazer do não-fazer, assim como o não-fazer e o não-saber de André não pode ser senão um fazer e um saber já bem “dialético”. Se André não consegue nada fazer, então o que escreveu em “A diferença” não pode ser tomado ao pé da letra.

### 2.3- Onipresença da ironia

De fato, não, e o ensaio “Filosofia e Ascese. A filosofia como vivência existencial e o ensino de filosofia” (1999) vai retratar um André bem diferente, totalmente engajado com a melhoria da filosofia no Brasil<sup>45</sup>. Somos obrigados a reler esse aparente parasitismo de André como, bem ao contrário de tudo o que criticamos, o desânimo provisório, e compreensível, de um verdadeiro guerreiro contra a mediocridade da universidade? Ou podemos ler nesse parasitismo uma dimensão que não contradiz o engajamento, mas indica uma reflexão mais “existencial” de um professor de filosofia a respeito de sua própria ascese, para podermos, enfim, concluir que tal “existencialismo” é, se não um “humanismo”, ainda uma forma de aprofundamento que não deixa de alimentar uma revolta ativa?

Pode ser, mas, evidentemente, a imagem de um “verdadeiro guerreiro” soa ridícula, não só por dizer respeito a um mero professor de filosofia (ou de estudos

---

<sup>45</sup> Ver nota 8.



interdisciplinares), mas principalmente por ser um mero professor de filosofia brasileiro. E, no entanto, a “voz crítica” que André assume no ensaio “Filosofia e Ascese. A filosofia como vivência existencial e o ensino de filosofia” se presta a esse ridículo concomitantemente ao fato de apontar os atrasos ridículos da universidade brasileira. Por isso, André parece não sair do *habitus* de uma cultura que não encontra seu *clinâmen* salvífico, uma cultura sem chances filosóficas, um solo para pensamentos sem chances, onde não há saída nem pelo parasitismo encenado, nem pela revolta.

Mas é nesse quadro desolador que encontramos a chave para propormos como André pode pretender ter essa chance. Se o escritor de *Nada...* não se esforça para ultrapassar sua própria mediocridade ao escrever sobre o nada, todavia, ao mesmo tempo, não deixa de ser um curioso texto que goza de abismos teóricos literariamente. Ao ser cotejado com os ensaios, esta prosa nos leva a uma hipótese mais interessante que as outras. Se o *Nada...* é uma prosa teórica, que não é ensaio, e, sim, literatura, literatura dos abismos da reflexão teórica, os ensaios podem se contaminar intertextualmente com essa prosa de forma que eles mesmos não sejam nada do que analisamos aqui. De fato, tais ensaios podem não ser mais do que literatura, a ficção do próprio ensaio. Não só porque hoje o ensaio é formalmente livre e se beneficia de sua crise, mas principalmente porque, em André, pode-se ler todo o seu engajamento, parasitismo, análise desconstrutora, formulação e problematização de conceitos como uma caricatura, paródia de todos esses procedimentos ensaísticos. Nesse caso, se André não se mostra um pensador muito interessante comparado a toda a discussão francesa e americana sobre a desconstrução, o *Nada...* informa que a intenção pode ser justamente essa, a “intenção” de André é dar voz à mediocridade *de sua própria mediocridade* “literariamente” (como mero professor de filosofia brasileiro, fazendo de toda sua vida, toda sua ascese, uma ficção ridícula) e, assim, detonar uma ironia pervasiva.

Em “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), André escreve

Nunca se chegaria a fechar um “eu próprio” que não tivesse contradições e lacunas, sempre faltaria algo de próprio a esse “eu próprio”, algo que deslegitimaria o “próprio” deste “eu”, que deixando de poder ser considerado como um “eu próprio” deixaria também de poder ser considerado como sendo propriamente “eu”; sempre haveria pois algo de

impróprio no “eu”, algo que eu não seria, algo que nunca será tornado claro para mim mesmo.<sup>46</sup>

Esse esvaziamento do eu próprio no questionamento de seu conteúdo remete logo para a quenose dos ironistas radicais analisado anteriormente. Por isso mesmo, é um indício de algo que, por trás de toda essa complexa e sóbria desconstrução, não se encontra nessa desconstrução. Se pensarmos que essa forma de esvaziamento do eu é típico de grande parte do pensamento contemporâneo, e que tudo o que se escreve sempre articula esvaziamentos desse tipo, André não está dizendo nada de mais<sup>47</sup>. Mas o fato de ele estar ironizando a mediocridade da própria desconstrução, sua compulsão à repetição de reproduzir sempre articulações semelhantes e chegar a mais ou menos aos mesmos impasses é uma hipótese que dá outro gosto a tudo o que lemos dos ensaios. Neste trecho, André está esvaziando seu eu próprio ensaístico encenando um esvaziamento e assim produzindo relações de cumplicidade intertextuais com o *Nada...*, e ao mesmo tempo *preenchendo-o* com a ironia em acontecimento dessa encenação, garantindo *uma chance*. Se ele não é nada, nem um infame, tal esvaziamento é corroborado pela realidade, portanto, é mais um esvaziamento desprezível. Mas se ele estiver manipulando uma ironia em acontecimento, ele está se esvaziando de si mesmo, quenoticamente *preenchendo a chance de seu nome como escritor-pensador*. Podemos até pensar que, para se tornar um grande nome, é necessário uma determinada estratégia de esvaziamento do eu autoral que *leve ao* preenchimento do nome próprio, e é para isso mesmo que o acionamento de uma ironia pervasiva trabalha.

Nesse caso, a voz de tal ironia os ensaios não revelam, e sim, ao contrário, trabalham por ocultá-la. Contudo, esse trabalho deixa marcas, e é seguindo esses traços de ocultamento que pretendemos descobri-la. Podemos realmente suspeitar dessa ironia porque sua leitura de Clarice Lispector segue exatamente esse caminho: os maiores defeitos do texto clariceano – “recurso exagerado a frases de efeito com tiradas patéticas ou solenes, existencialóides, pseudo-dialéticas e tautologias tolas; elaboração de uma

---

<sup>46</sup> *Mediocridade e ironia: ensaios*, “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), p. 127.

<sup>47</sup> Sempre podemos indicar algo interessante: André pode estar criticando a ontologia fenomenológica do poder-ser próprio existencial e originário de Heidegger, sendo que tal esvaziamento do “sujeito” é feito no seio do *Ser e tempo*, e pelo menos desde Nietzsche é uma constante contra o subjetivismo romântico, idealista, e o humanismo. De qualquer forma, isso é uma espécie de movimento “já-sabido” na teoria contemporânea, mas que pode ter suas singularidades de articulação e novas conseqüências, como procuraremos analisar a seguir.

metafísica superficial e associação com um misticismo piegas ...”<sup>48</sup> – são lidos como uma estetização da mediocridade cruelmente parodiada em sua existência polimorfa. Há uma frase deste ensaio que arregala nossos olhos quanto ao perigo de ler no *Nada...* uma confissão (terceiro capítulo, “Se”), ou ainda, uma especulação “sincera” (o resto do livro), sem jargão, de um professor de filosofia: “Quanto mais apaixonado e intimista o desabafo, mas chavonesco e vulgar”<sup>49</sup>. Diferentemente do esforço modernista em assimilar a simplicidade da linguagem informal, cotidiana e coloquial, Clarice cultiva a mediocridade e realiza-a com “originalidade e garbo” através de uma tensão entre o paródico e o não paródico.

Se o *Nada...* é o desabafo de um combatente contra a mediocridade, desabafo que multiplica vagalhões de raciocínios contraditórios e pseudo-dialéticas um pouco vertiginosas e difíceis de entender para leigos mas talvez, no fundo, barrocamente medíocres (devido mesmo a sua clareza sóbria), André estaria cultivando desse modo o auge dos clichês cultos da teoria contemporânea contra sua própria mediocridade para, através dela mesma, “invaginar” (André articula esse termo de Derrida, em *La Vérité en peinture*, que pensa como o exterior da vagina, ou qualquer órgão com cavidade, se torna interior ao corpo) sua obsessão para além ou aquém de si mesma, e assim, finalmente, alcançar originalidade, garbo e glória. O que mais corrobora essa hipótese é o fato de o escritor sempre insistir em sua falta de talento, de sutileza e de destreza para escrever, e por isso se sentir vítima de uma invencível mediocridade na luta infinita e inglória contra uma grosseira escolha de palavras<sup>50</sup>. Essa modéstia é uma voz medíocre mal disfarçada: afirmando ser vítima da mediocridade por falta de habilidade com a linguagem, apela para a confissão da “pura” intenção de não querer ser medíocre, como se essa “intenção” também já não o fosse. O leitor desavisado cai na ironia pervasiva dessa encenação da pura intenção sem linguagem, que é um bom disfarce para a ironia em acontecimento não ser facilmente reconhecida. Essa pura intenção pretende um certo *heroísmo* dizendo ser uma vítima inglória, o heroísmo de combater a mediocridade de frente, sem rodeios, sem obscurecimentos, disfarces e os mil requintes das mensagens indiretas no hábil uso da linguagem. O *páthos* desse heroísmo romântico, que procura uma luta sincera para além dos jogos de linguagem, moraliza a luta contra a

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, “A estilização da mediocridade em Clarice Lispector”(1995), p. 33.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 55-7. Essa “grosseira escolha” é uma modéstia retórica que toma uma qualidade (a sóbria clareza) como uma vulgaridade.

mediocridade. Todavia, todo esse desejo pela clareza e honestidade não passa de encenação da ironia em acontecimento, que manipula habilmente, sem nenhum escrúpulo moral, todo esse *páthos* romântico pseudo-anti-mediocre da mediocridade para, sem nenhuma clareza, numa voz bem silenciosa, indireta e repleta de artificios, vencer a mediocridade.

Toda essa estratégia soluciona a contradição de André hipostasiar a ironia de alguns autores canônicos ao mesmo tempo em que condena o culto aos grandes nomes feito pelo ensino de filosofia em “Filosofia e ascese”; pois, no ensaio sobre Rosa, mesmo que ele faça uma crítica da glorificação do “senhor escritor” que Rosa faz (na entrevista com Günter Lorenz) para sublinhar a que Rosa desfaz (textualmente em *Grande Sertão Veredas*) de si mesmo, o conceito de ironia em acontecimento ainda depende dessa ironia se sustentar na estrutura da glorificação dos grandes nomes (André diz sobre Machado que a melhor maneira de *imortalizar* os autores é perseguir a gargalhada irônica da ironia em acontecimento, portanto, tal perseguição à ironia em acontecimento é um exercício de glorificação). Como vemos, a glorificação que a análise irônica faz da ironia dos escritores e pensadores se torna, agora, a mediocridade de glorificação dessas análises, e assim, libera uma ironia em acontecimento sem glorificação de si mesma que ironiza tanto sua própria glorificação (apontada como possível em “Autobiografia e segredo”, ainda que ironizada com a citação de Beckett, agora vemos que é ironizada duplamente de forma mais eficaz) quanto a glorificação dos ironistas analisados. Além disso, ironiza a própria crítica à glorificação da crítica literária feita por ele, que pouca eficiência possui quando constatamos que ele não deixa de citar e comentar os grandes nomes. Com tudo isso, André desenvolve uma estratégia para se tornar um grande nome, ou seja, glorificar-se desglorificando-se, ocupando um lugar ambíguo de estar ao mesmo tempo dentro e fora das formas de glorificação que analisa.

### 3- O CRÍTICO, A CRÍTICA

Aqui cabe citar este comentário sobre Clarice: “pois se Clarice Lispector se erguesse ostentando superiormente ironia ela teria imediatamente a sua estilização da mediocridade anulada, a estilização do mediocre parece poder avançar ainda mais na

medida em que Clarice deixa como que o texto atue sobre si e sobre a crítica”<sup>51</sup>. Nesse caso, toda a ironia de André sobre a crítica literária de Clarice, Machado de Assis e Guimarães Rosa serve como um ameaçador aviso para aquele que ocupar a posição de crítico de sua obra. Se ele não se cansa de repetir que tais autores riem dos críticos dentro do caixão, inclusive dele, por caírem na mediocridade que eles estão habilmente combatendo, que será de mim, que sou praticamente o primeiro que escreve sobre essa obra fora das limitadas resenhas de jornais? Como posso lidar com a fantasmática ironia de *Nada...* que me assombra na imagem da cruel gargalhada de um autor vivo?

Mas qual seria a chave desta ironia tão velada? Será que não estamos caindo na velha pretensão do crítico de desejar revelar o oculto? E, mesmo que isso fosse possível, não seria a pretensão mais descabida, já que eu, Eduardo Guerreiro, sou um doutorando que não tenho nem um por cento do embasamento filosófico e anti-filosófico, das leituras e anti-leituras, da experiência, da cultura, da erudição e a negação de tudo isso, nem, quem sabe, do talento<sup>52</sup> do autor de meu objeto de estudo? Além disso, digo que nem mesmo na minha “especialidade”, a teoria da literatura, posso estar certo de que tenho algo a acrescentar ao autor, ou seja, uma visão de outro lugar, já que ele demonstra um interesse e uma produção ligados a essa disciplina. Desse modo, seria inviável, para mim, pensar sobre uma obra tão sutil, sofisticada e fronteira (entre filosofia, teoria da literatura e literatura), devido ao meu estado de pré- formação.

Portanto, estou mais que me arriscando. Há vários riscos: de ser incoerente, impreciso, redutor, pretensioso etc, enfim, modalidades da mediocridade inerentes a um jovem crítico entusiasmado<sup>53</sup>. Não preciso dizer que toda essa retórica defensiva minha é uma estratégia discursiva para heroicamente superar todas essas dificuldades com uma sutileza especial que quer produzir seu efeito extraordinário, o que tornar-se-á a maior das pretensões, que é, por sua vez, a pior das mediocridades.

Depois de todo esse *mea-culpa*, o André, que antes era um mero professor de filosofia brasileiro, tornou-se um enigma monstruoso.

---

<sup>51</sup> *Mediocridade e ironia: ensaios*, “A estilização da mediocridade em Clarice Lispector”(1995), p. 41.

<sup>52</sup> *Nada ou isto não é um livro*, p. 54: “Talvez o caminho do sutil e sofisticado embate fosse o mais difícil, provavelmente inviável, por exigir – isto é tão misterioso e do que se duvida da existência – o talento”.

<sup>53</sup> *Mediocridade e ironia: ensaios*, “Autobiografia e segredo. Ensaio sobre a fama e a imortalidade” (1997), p. 125-7. André mostra porque o entusiasmo de ter lido Heidegger na juventude e ter iniciado o estudo de filosofia não passava de uma empolgação medíocre, mas depois pensa que não é possível dar a última palavra sobre a verdade desse acontecimento numa visão posterior, mais “amadurecida”.

Ou ainda, posso estar espelhando toda a modéstia e subterrânea ironia de André para participar da sua ironia em acontecimento. Também posso estar escondendo uma ironia subterrânea minha, que nem André sonhou conceber, e que é ainda mais monstruosa e sutil do que toda a sua estratégia, cabendo a outro crítico desvendá-la com sua própria monstruosidade. Todas essas ironias em *mises en abyme* são possíveis.

Propomos essa interpretação da obra de André, cuja estratégia pode ter sido intencional ou não. Se foi intencional, desvendamos seu segredo, se não, inventamos para ele um segredo desvendado. Podemos pensar que, mesmo se não foi intencional, foi inconsciente, logo, possui uma intenção outra, à revelia da vontade do autor. Nesse caso, desvendamos uma intenção oculta para ele mesmo, que seria sua verdadeira intenção. Também pensamos que essa não foi uma intenção nem consciente nem inconsciente, mas foi nossa intenção de crítico que passa por cima de suas intenções consciente e inconsciente grosseiramente. Ou ainda, essa interpretação pode não ser minha verdadeira intenção neste texto, outro crítico pode descobrir tal intenção, que nem eu sei; ou não, pode permanecer para sempre um segredo, juntamente com a verdadeira intenção de André. Ou ainda...

## Post-scriptum ou continuando...

### 1- MAIS CRÍTICAS, MAIS DISTANCIAMENTOS

Será que todas essas possibilidades importam verdadeiramente? Será que elas não passam de incertezas que pouco contribuem para o trabalho crítico? Será que existem questões que contribuem e outras que não contribuem?

Toda essa estratégia interpretativa inventada (ou não) por mim pode não ser nada de interessante perto das estratégias de leitura que estão sendo praticadas atualmente na crítica francesa e americana da desconstrução, ou fora da desconstrução, ou fora da França e dos Estados Unidos. Portanto, embora eu tenha tentado encontrar uma chance para André e para mim, nós não passamos de dois pretensos professores brasileiros presos no *habitus* reprodutor das idéias de fora. Ou talvez André encontre outro crítico que pelo menos salve a chance dele, ou ainda posso ter a esperança de encontrar um crítico que salve a nossa chance. Mas será necessário tanto “dedo”, tanto

cuidado para lidar com todas as possibilidades imagináveis de sucesso e fracasso? De que adianta abolir a surpresa do acaso no “lance de dados” que é escrever um texto num computador que *já exige o trabalho de todos os dedos*? Quer dizer, o pensamento teórico contemporâneo já não está excessivamente tomado de cuidados virtuais ao se atualizar na escrita? Cito aqui um trecho do poema de Armando Freitas Filho:

um lance de dedos  
jamais abolirá a vida  
sempre à beira  
das letras, das lágrimas  
de mallarmé.  
Um livro é um leque  
uma rosa-de-ventos  
com muitas leituras  
voltadas para a amnésia  
ou para a manhã.<sup>54</sup>

Podemos fazer, então, uma crítica a esse cerco de possibilidades de recepção das próprias idéias que eu e André praticamos. Por isso, é justamente nesse sentido que levantaremos mais uma crítica possível contra André, se ele se encaixa nessa hipótese de interpretar sua obra. Se aqui encontramos o barroquismo e a obscuridade da crítica de André, parece-nos que há uma ligação desse abismo de dúvidas com a aparente clareza estilística. Toda essa ironia pervasiva que habita seu livro e seus ensaios acabou nos mostrando que sua clareza é falsa, é um artifício para deixar falar o tom pedagógico da mediocridade. Até tais dúvidas incessantes podem não ser mais do que a interminável indecisão de um teórico medíocre que, fazendo parecer que está cômico de suas limitações e de seus possíveis fracassos, na verdade tenta esconder sua própria insegurança frente à iminência de tais fracassos. Logo, o teórico medíocre está fingindo segurança (conscientemente o não) com a segurança de enunciar tantas dúvidas, e a ironia, ao contrário, está efetivamente segura de manipular esse fingimento barato. Portanto, a ironia em acontecimento pode tanto rir dos que acham que a enunciação de dúvidas do teórico são seguras quanto rir dos que acham que são inseguras. No final das contas, a ironia pode ironizar qualquer coisa, qualquer posicionamento sobre qualquer coisa, qualquer procedimento que se considere medíocre ou irônico.

Portanto, podemos expor mais essa hipótese contra André. Será que a pretensa construção quenótica da ironia em acontecimento encontrada subterraneamente em sua

produção aqui analisada não passa de um alibi para justificar qualquer procedimento medíocre, em vez de tentar sair da mediocridade com uma proposta mais ... *clara*, ou melhor, mesmo que seja hermética, que não seja mediada pela voz indireta de uma ironia sempre oculta? Nesse caso, por um lado, o teórico se arriscaria a se passar por ridículo e medíocre, sem o alibi da ironia radical, mas, por outro, não se apoiaria num eterno jogo de esconde-esconde que é menos sagaz do que pretende ser. Assim, a própria interpretação que André faz de Machado, Erasmo e Clarice, em vez de valorizar tais autores com a descoberta da ironia em acontecimento, ao contrário, revela a pretensão destes autores (e do próprio André) pelo riso derradeiro de uma ironia em acontecimento que, agora sim, revela-se como mais uma fracassada mediocridade. Portanto, a ironia radical, dentro dessa hipótese, é a mais falsa arma contra mediocridade. A mediocridade de André, desta vez impossível de salvação justamente por contaminar o crítico com a mesma, pode ter-se propagado em forma de pretensa ironia em mim. O abismo de ironias se revela, por fim, um abismo de mediocridades cada vez mais astutas, cada vez mais sutis e, no entanto, mais pretensiosamente sutis. A ironia em acontecimento seria, então, ao mesmo tempo, a menor e a maior das mediocridades, a mediocridade desmedida, sublime.

Se o sublime é um estado de transposição de fronteiras (segundo sua etimologia), especialmente das fronteiras da arte, como a “arte bela” da mediocridade é não ser medíocre para se propagar, usando inclusive de ironias diversas, a “arte sublime” da mediocridade seria propagar-se com a ironia “radical”. Mas isso não salvaria a mediocridade de si mesma, ao ultrapassar a si mesma? Talvez, mas a hipótese não parece poder-se reverter de forma otimista. O transbordamento da mediocridade dessa ironia parece levar a algo ainda *pior* que a mediocridade, e não melhor. A quenose da ironia não passaria da maior das pretensões, a pretensão da mediocridade de querer esvaziar a si mesma acabaria por transbordar a si mesma e, com isso, ser mais medíocre que o medíocre: o *miserável*, se quisermos dar um nome. Tentando se opor ao narcisismo da fama na mídia, a solidão dos intelectuais, literatos e filósofos cai no narcisismo que tenta se disfarçar de quenose. Essa seria a sublime miséria da filosofia, mais miserável do que os problemas ético-políticos que estão atualmente em discussão.

---

<sup>54</sup> FREITAS FILHO. Armando. *Longa vida (1979-1981)*. Edição particular: Rio de Janeiro, 1963, p. 127-8.



Contra o fraco otimismo do pessimismo generalizado de André, essa hipótese seria uma espécie de *pessimismo hiperbólico*, consequência (evitada, ou talvez até recalçada) da própria fraqueza do ativismo proposto por ele. Toda a clareza de André não passa de uma dissimulação. Tal dissimulação sistemática e permanente trai a incapacidade de obter um movimento criativo direto claro, que não se protege dos abrigos do auto-encobrimento. André não conseguiria uma clara complexidade, à maneira de Deleuze ou de Foucault (para dar grandes nomes como exemplo), porque sempre aposta numa simplicidade dissimuladora da falsa complexidade, e no entanto pensa ser, desta forma, verdadeiramente complexa.

Essa segunda crítica à obra de André parte de nossa interpretação, mas mesmo sem nossa interpretação ela faz efeito. Todas as análises da ironia de outros textos, feita por André, é desmontada por essa crítica. No entanto, essa crítica absorve a noção de mediocridade de André, que já é exagerada e obsessiva, e a radicaliza. Ela mostra que a ironia de um estilo ou um tipo de linguagem não deixa de se contaminar pelo que ironiza, a ponto de perder as rédeas que a diferenciaria de sua vítima. O ironista acabaria por ser a vítima da vítima, o que é ainda mais humilhante. A vítima teria a vantagem de encarnar, pelo menos, uma mediocridade inocente, despreziosa. Mas toda pretensão não seria, já, inocente, já não estaria, de início, ligada às perversões e ambições essencialmente infantis, partindo da psicanálise?

De qualquer forma, a partir dessa crítica, outras interpretações podem aparecer, mais radicais ainda ou não, seguidas de outras críticas. O que me parece impressionante, no cotejo desses dois livros de André, é constatar o estado crítico da crítica que ele nos leva a enfrentar, aparecendo na forma de uma inevitável suspensão de um juízo ou posição determinada. O que parece evidente é que tais críticas, por mais devastadoras que sejam, apontam para a riqueza destes textos. Se essa riqueza é medíocre ou não, se é falsa ou não, nem a ironia nem a mediocridade de nossas hipóteses pode decidir.

11/04/2003

## 2- O TEMPO REALMENTE PODE MUDAR?

Esse jogo infinito de redes, conexões, rupturas, tensões, ligações e variações entre prazer e desprazer, mediocridade e ironia, complexidade e simplicidade, inocência e esclarecimento, crítica e elogio, glória e esquecimento, sublime e cotidianidade,

distanciamento e envolvimento, é o que observamos ter feito durante todo esse percurso. Mas “observar” supõe aderir, no final deste texto, a um pólo da última das dicotomias. Teríamos que desconstruir também isso: afinal, a última frase, a última articulação estará tão envolvida no posicionamento do autor deste texto quanto qualquer outra frase. As últimas palavras são inevitavelmente as mais medíocres e pretensiosas, e não adianta tentar tematizar a dificuldade dando ares de distanciamento analítico.

Escrevo esse final um ano depois, e afirmo que ainda faltariam mais críticas possíveis a serem abordadas, e, num certo sentido, sou levado a me repetir. A mais conhecida e importante delas seria feita do lado de um certo marxismo atualizado, de um Terry Eagleton nos anos 80<sup>55</sup>, por exemplo – teórico bem irônico e divertido, diga-se de passagem – que considera todos esses infinitos debates da desconstrução no fundo muito acadêmicos, afastando demais a teoria da prática e inflando artificialmente os debates com contra-críticas infinitas. No limite, o crítico, ao forçar seu lado teórico, precisa, ao pôr em jogo uma crítica, já adiantar-se com outras possíveis críticas e produzir loucamente uma série de *heterocríticas*, sem, afinal, estabelecer ligações mais sólidas com o mundo concreto, com objetos concretos de estudo, e finalmente encontrar um posicionamento menos artificialmente confuso. A complexidade teórica, de base dialética, serve para nos levar a posicionamentos, no fundo, muito simples, em vez de se deixar levar pela complexidade beirando à pura indecisão pessimista. Talvez eu tenha caído nesse problema, bem mais que André, ou talvez eu o tenha parodiado, representado comicamente, em todo o texto, principalmente agora, que coloco a questão. Como ficou claro nas críticas anteriores, minha situação incorre sempre no risco de estar num lugar *a mais ou a menos* em relação a André, e não sei ainda se esse *mais ou menos* é uma mera ou uma grande diferença.

Embora não seja possível aqui abordar essa crítica satisfatoriamente, digamos assim, não adianta ignorar que a desconstrução – no “para adiante” de Derrida que nos leva a André Rios – sofisticada (academicamente, se se quiser), sim, a crítica, a ponto de, hoje, qualquer posicionamento crítico perder “tecnologia teórica” se ignorar suas

---

<sup>55</sup> EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (original: Verso, London, 1984), p. 94: “O repúdio à autoridade, que caracteriza a desconstrução, está nitidamente afinado com a política dos anos 60; contudo, em nada se aproxima do simplismo da concepção segundo a qual as preleções constituem uma forma de violência. Pois, afinal, o que poderia ser mais autoritário do que um discurso que, no próprio ato de puxar o tapete de seus adversários, apresenta-lhes um perfil tão atenuado que não há espaço para golpeá-lo, e que não pode ser nocauteado porque está o tempo todo arrastando-se desesperadamente pelo chão? Seria impossível imaginar uma forma mais agressiva de *kenosis*, a não ser as últimas heroínas de James”.

manobras e volteios, e acredito que Eagleton não ignora. Isso implica, certamente, uma perigosa relativização do próprio gesto crítico, problema esse que não pode ser rapidamente resolvido nem por recusa nem por aceitação. Trata-se da própria contaminação da indeterminação do sujeito do autor literário com o autor teórico (algo semelhante é abordado na diferença analisada por Barthes entre *escritor e escrevente*), motivo central deste ensaio.

6/08/2004